

O DISCURSO VESTIDO: A ESTÉTICA DO PENTECOSTALISMO

1. PENTECOSTALISMO: ALIENAÇÃO OU RESISTÊNCIA?

1. Regina Reyes NOVAES, *Os escolhidos de Deus — pentecostais, trabalhadores e cidadania*, p. 18.

Não é possível falar de modo generalizado em Pentecostalismo. Segundo Regina Reyes Novaes, existem mais de 100 denominações pentecostais no Brasil.¹ Também não se podem caracterizar como religião popular todas as expressões do pentecostalismo brasileiro. É mais adequado propor um referencial que de alguma maneira delimite melhor o que compreendido como “pentecostalismo popular” para então me acercar da situação da mulher.

De modo geral, as ciências sociais, reconhecem como “religião popular” a combinação de 4 fatores:

- 1 — composição dos fiéis: pobres, camadas baixas;
- 2 — a função que a religiosidade desempenha para o grupo: conservar tradições, estabelecer procedimentos e condutas que garantam um sentimento de estabilidade e proteção;
- 3 — o conteúdo da religião: visão sacralizada do mundo com forte apelo ético-devocional;
- 4 — a natureza da autoridade no grupo religioso: burocrática ou carismática, facilmente tendendo para formação de seitas em contraposição à religião dominante e suas hierarquias.

2. Marilena CHAUI, *Cultura e Democracia*, p. 72.

Seguindo a reflexão de Marilena Chauí², a religião popular comumente assume uma dimensão cultural e a função de preservar valores éticos, estéticos, étnicos e cosmológicos de grupos minoritários e oprimidos, assumindo também o papel de canal de expressão de identidade coletiva.

Basicamente se pode dizer que a religião popular (ou religiões...) se opõe a exigências de racionalização e internalização, que são marcas das expressões religiosas modernas e de deno-

minações já estabelecidas. Ao contrário das expressões religiosas conscientes e racionais — que se articulam com o desenvolvimento das ciências e comportamentos, por exemplo —, a religião popular se afirma com expressões religiosas de forte apelo mágico-simbólico e representações das entidades divinas no cotidiano.

São os pobres que, excluídos dos processos de modernidade e suas conquistas, constroem estas expressões populares da religiosidade com elementos e materiais que correspondem de forma mais imediata às violências e às punições que o mundo moderno significa para a grande maioria de pobres do continente.

Esta aversão ao moderno e a todas as suas encarnações possíveis se apresenta como forma de julgamento do tempo presente e como expressão de resistência às investidas de tais modernismos nas comunidades pentecostais populares.

Mesmo sendo resistência, estas expressões religiosas têm a tendência de legitimar o status quo, uma vez que deslocam as tensões e confrontos de origem de classe para o nível dos comportamentos. Depositando a potencialidade de intervenção para a área do divino, os pentecostais populares declinam da possibilidade de questionar e reverter a ordem atual, que negam.

A religião oferece um mínimo de orientações para a conduta e a vida coletiva que tornam a vida suportável. As representações religiosas do divino e do maligno dão sentido imediato às situações de conflito e opressão. As normas comportamentais criam senso de identidade, de pertença e da comunidade.

Os conteúdos destas expressões religiosas dos grupos populares, não só os pentecostais, são expressões de materialidades, isto é, de necessidades básicas da vida que são negadas aos pobres, mas que é sustentado por um aparato justificador lógico e racional, de "oportunidades iguais" e "democracia" que na verdade encobrem os mecanismos de dominação e exploração das classes trabalhadoras e pobres. Estes conteúdos são principalmente: saúde, cura, trabalho, dinheiro, nervos, família, etc.

Neste sentido, as religiões populares não podem ser reduzidas meramente a alienação, mas são ao mesmo tempo e contraditoriamente resistência e submissão. A apelação para um nível transcendente significa que uma análise de conjuntura já foi feita e já se reconheceu a falta de alternativas e instrumentos disponíveis para reversão da situação de opressão.

As normas de comportamento, a rigidez de procedimentos e a aparência são expressões desta militância contra a ordem atual e a desistência da possibilidade de reversão da realidade. Excluídos dos processos sociais normais, os grupos populares se negam a compartilhar os deuses e modas dos opressores.

Dissidentes, os pobres transferem o conflito que é de base infra-estrutural, para o âmbito das superestruturas aonde têm mais condições de organizar sua dissidência e resistência.

Uma das formas mais evidentes de transgressão da norma de conduta e que mais contribui para a construção de uma "identidade pentecostal" é o não-seguimento militante da moda. Porque os conflitos básicos se desenrolam no nível da sobrevivência e das necessidades fundamentais, a organização da resistência também se desenvolve como discurso sobre o corpo. Aqui, o discurso não pode ser entendido somente como verbalização, mas é importante considerar o discurso dos comportamentos e estéticas. Os grupos pentecostais populares vestem-se do sagrado.

As roupas são sinais de salvação, sinais de superioridade em relação ao caos e à opressão do mundo. Porque já não são deste mundo, nem participam dele, os pentecostais tornam esta situação visível re-significando o corpo e seus valores, seu formato e sua aparência. As roupas são também sinais de identidade pessoal e coletiva; se distinguem e se identificam no padrão das roupas que não muda muito de um grupo para outro. Os pentecostais vestem-se dos conflitos sociais, vestem-se de recusa e de abandono. Se uniformizam para a batalha contra o mundo. São bandeiras de denúncia e de recusa da modernidade.

Esta recusa e resistência não podem ser compreendidas de forma idealista. Reconhecer nas expressões da religiosidade pentecostal popular uma recusa e uma resistência à ordem atual não nos autoriza a identificar estas expressões automaticamente como se fossem alternativas e potencialidades de transformação social.

Por ser um movimento de recusa, de introversão e de dissidência, ele se caracteriza também no reforço das relações tradicionais e autoritárias. No caso dos grupos populares pentecostais, toda a energia do confronto desloca-se para o âmbito moral e comportamental, reforçando as relações já existentes de submissão. Neste caso, são as mulheres que acabam por ser o alvo e o conteúdo da maioria das normas de comportamento.

Num dos livros vendidos para mulheres por uma livraria especializada em público e materiais pentecostais, a autora aconselha: "*A mulher que realmente tem a plenitude do Espírito Santo quererá ser totalmente submissa ao marido. A despeito das reivindicações da atual corrente pró-empancipação da mulher, qualquer conceito que divergir do desígnio de Deus para as mulheres está errado.*"³

Este trabalho não tem a pretensão de analisar e entender esta questão do reforço das relações tradicionais, mas algumas observações podem ser importantes.

3. Beverly LAHAYE, *A mulher controlada pelo espírito*, p. 52.

Os grupos pentecostais populares organizam-se basicamente nas regiões periféricas das cidades e na área rural. De um modo geral, poder-se-ia afirmar que a origem destes grupos está no campo, ou melhor na grande massa de famílias rurais que foram expulsas do campo pelo processo de industrialização e mecanização da economia.

São os valores e os papéis da mulher na família rural que são preservados e são considerados como estando de acordo com a vontade de Deus. No confronto com a cidade, com a modernidade, com a industrialização, com outros mecanismos de exploração do trabalho que rompe com a família enquanto unidade produtora, os grupos populares encontram na religião, em especial nas novas religiões, amparo e sustentação para preservação de seus valores e comportamentos.

Porque é uma reação de recusa e resistência, os grupos voltam-se sobre si mesmos, reforçando suas relações e papéis no interior da família e dos grupos de identidade. Submissa e inferiorizada já na família rural, a mulher vê reforçados os mecanismos de controle sobre si, com agravante de todo um discurso sobre pecado e castigos. Ao mesmo tempo, tem um reforço de seu valor como mãe, o que vai caracterizar sua personalidade e finalidade no grupo familiar e comunidade.

Estes grupos reconhecem na mulher emancipada, na liberalidade das relações familiares e sexuais, nos divertimentos e vícios, as marcas de pecado contra os quais têm de lutar e resistir. Por um lado, percebem acertadamente a manipulação do corpo da mulher como veículo de consumo e criação de necessidades através da dinâmica da moda; por outro lado, passam a travar uma luta do bem contra o mal no corpo da mulher.

2. O DISCURSO VESTIDO

A moda não tem sido objeto de estudo nem tem merecido apreciação teórica a não ser de modo periférico, reduzindo-se a questão a simples ornamento de outras reflexões consideradas centrais e fundamentais.

Na maioria das vezes, a moda é compreendida como parte do sistema de distinção social, como mecanismo de mimetismo e reforço da diferença entre as classes. O trabalho de Gilles Lipovetsky "*O império do efêmero — a moda e seu destino nas sociedades modernas*", mesmo sendo uma obra polêmica, tem o mérito de tratar da moda como fenômeno central da "modernidade". Neste livro ele argumenta que centrar a discussão sobre a moda nos mecanismos de distinção social significa confundir as funções sociais que a moda assume com sua origem.

Segundo o autor, somente a partir da segunda metade do século XIX é que se pode falar de moda, entendida como um sistema de produção e difusão de aparências, que se articula com duas indústrias: a “alta costura” e a confecção industrial. A partir de então, já não é próprio do grupo familiar o “vestir”, mas também esta atividade passa para o âmbito da indústria.

Reconhecendo a moda como um fenômeno ocidental, Lipovetsky analisa as sociedades pré-modernas como uma organização que trabalha com materiais míticos e tradicionais. Nestas sociedades, o vestir-se significa conter e negar a dinâmica da mudança. É que o referencial do grupo está numa situação anterior e a forma de aparecer não é reconhecida como autoria do grupo, mas se prende aos modelos dos antepassados. As regras de vida e os usos, as prescrições e as proibições são consideradas imutáveis porque se originam de um tempo fundador. São sociedades que exigem fidelidade ao que foi contado, ao que foi vestido como meio de preservação da identidade coletiva. A aparência se organiza em função da tradição do grupo ou do costume familiar sem exigências de novidades e diferenças; o vestir-se dá conta de posição no grupo, de faixa etária e acompanha o calendário do sagrado e do profano.

Assim, se pode dizer, que a lógica da moda é excluída quando um grupo submete suas atividades mais simples e as mais carregadas de sentido aos comportamentos ancestrais, o que significa que a unidade individual não pode se afirmar.

Inversamente, a lógica da moda também exclui a aparência característica de grupos nacionais e étnicos, até mesmo de classes sociais e etárias, como também dissolve a rigidez da aparência dos sexos.

Com a emergência do capitalismo e a exaltação do individualismo, a forma da aparência pessoal deixa de ter normas e comportamentos rígidos e passa a se movimentar justamente pela ansiedade da novidade e da diferença. “...a consciência e a vontade de individualizar-se desenvolvem a concorrência, a emulação entre os particulares, a corrida pela diferença; elas autorizam e encorajam a expressão dos gostos singulares.”⁴ A moda é precisamente a ruptura com os modelos e normas coletivas de aparência e a legitimidade social da individualização e da divergência.

Outra característica muito forte é esta primazia da aparência que se agrada enormemente de atrair, de dar prazer, de surpreender e de chocar. Numa sociedade que se apresenta como fundada na razão e na técnica, a dinâmica da moda denuncia esta racionalidade instaurando um espaço de desrazão, de frivolidade, de provisoriiedades.

A moda é extremamente lúdica e acaba por ser um dos espaços únicos onde a criatividade e a singularidade ainda

4. Gilles LIPOVETSKY, *O império do efêmero — a moda e seu destino nas sociedades modernas*, p. 60.

podem se fazer notar num mundo onde a técnica despreza o prazer. Sendo lúdica, a moda exige muito dos sentidos, em especial do olhar. Vestir significa chamar sobre si os olhares, ou como aversão ou sedução. *“Aparelho de gerar juízo estético e social, a moda favoreceu o olhar crítico dos mundanos... desencadeou um investimento de si, uma auto-observação estética sem nenhum precedente. A moda tem ligação com o prazer de ver, mas também com o prazer de ser visto, de exhibir-se ao olhar do outro”*.⁵

5. Gilles LIPOVETSKY, *op. cit.*, p. 39.

De certo modo, a moda também tem seu sistema de regulação e pressão sociais. A moda tem um caráter constrangedor que quase leva à necessidade de adoção e seguimento. Os modelos se impõem quase que obrigatoriamente, exigindo ou absorção imediata, ou imediata recusa e criação de um contra-modelo. Esta dinâmica de criação de modelo e contramodelo é precisamente o elemento fundamental da moda... o feérico e a agilidade da mudança, a disposição total de tecidos, materiais, detalhes e do formato do corpo.

A moda tem então este caráter emancipatório, isto é, a possibilidade do indivíduo de produzir-se, de escolher sua aparência, de vestir sua identidade. Significa que o indivíduo já se avaliou em relação à realidade que o cerca e já se posicionou. A moda não é um elemento homogeneizador de gosto e consumo. Entender assim seria reduzir a potencialidade da expressão autônoma das aparências em confronto com uma tentativa de redução dos impulsos à racionalidade.

Sem desprezar todos os mecanismos de publicidade e mercado que dinamizam o mundo da moda e que orientam seus interesses, o vestir-se hoje dá conta das pulsões e desejos em nível de massa, elemento desprezado pela racionalidade. O vestir-se pode ser sinal de adesão, de participação, de divergência e de confronto.

A indústria da moda não inventa o desejo e o gosto, mas acompanha-os e cria mecanismos de expressão. Numa situação de domínio da racionalidade e da objetividade, as massas respondem freneticamente pela via da aparência. Este fenômeno não pode ser rotulado moralmente em categorias de perversão, alienação e embrutecimento. É preciso reconhecer no feérico da moda elementos de confronto e resistência. Reduzir a moda à influência de marketing e à ação bestializadora dos meios de comunicação de massa seria esvaziar de vontade e de possibilidade qualquer ação criativa e emancipatória dos homens e mulheres da sociedade moderna.

Ao contrário, o fenômeno da moda e sua **centralidade nos** obriga a ver no cotidiano e na aparência motivações básicas da organização social no mundo de hoje. Vestir-se significa ocu-

par um lugar no mundo, significa posicionar-se em relação aos outros: querer ser aceito, querer agredir...

Mais que elemento de distinção social, a moda é postura. Apesar dos mecanismos de preciosidade e detalhe que tentam manter o status e o nível de determinadas tendências e estilos, a agilidade do fenômeno da moda é tamanha que em pouco tempo se reproduz e se apropria de tais estilos tornando-os comuns e corriqueiros.

Esta agilidade é vetor de capacidade de apreensão e reação por parte das massas. Ela tem como resultante a diminuição do espaço que separa classes sociais. Hoje, a moda possibilita, pela via da aparência, escamotear e simular uma situação de classe. A moda diminui o espaço de diferenciação entre os modelos masculinos e femininos, sendo evidente que as mulheres têm muito mais agilidade de apropriação do estilo masculino, modificando-o e usando-o com outros significados. A moda também pode disfarçar e simular as idades, rejuvenescendo ou envelhecendo as pessoas.

A moda é portanto um mecanismo que pode ser compreendido como expressão de vontade, de reivindicação. A moda arbitra com os esquemas de classificação. É possível também ir contra a maré, isto é, se afirmar no confronto com as tendências hegemônicas. É possível que um grupo se organize e defina sua aparência como forma de ruptura com as propostas hegemônicas. É possível vestir-se de modo extensivo ou ostensivo à sociedade, como no caso de punks, hippies, yupies, etc.

É verdade também que os grupos mais hierarquizados e de tradição melhor preservada são os que mais resistem à influência da moda e à democratização das aparências, por exemplo o exército, as ordens religiosas...

Esta resistência não é a mesma que se percebe na "anti-moda". *"Com certeza, normas francamente hostis aos cânones oficiais ganharam corpo socialmente mas, longe de destruir o princípio da moda, só tornaram mais complexa e diversificada sua arquitetura geral. O novo lance é o acúmulo de critérios absolutamente incompatíveis..."*⁶.

6. Gilles LIPOVETSKY, *op. cit.*, p. 127.

O livro de Lipovetsky retrata muito mais uma situação de sociedade moderna que não tem de conviver com contradições sociais e econômicas como as que vivemos no Brasil. Estas contradições certamente trariam outras alternativas para a compreensão da moda. Acredito que algumas observações de Lipovetsky podem ajudar na compreensão dos fenômenos populares e de massa que, sem dúvida, se movimentam muito mais no âmbito das aparências.

Passo agora a ouvir mulheres que se vestem divergentemente, mulheres que negam o mundo e sua ordem a partir dos

comprimentos e decotes, conscientes de que os combates e conflitos da sociedade moderna acontecem principalmente no corpo, em especial no corpo de mulher.

3. AS FALAS DO CORPO

A minha intenção era entrevistar mulheres pentecostais. Reconhecendo a limitação metodológica deste trabalho, tratei de montar uma estratégia simples que desse conta de reunir a fala de algumas mulheres aonde a questão da aparência fosse evidente.

Assumi a estratégia de, ao reconhecer visualmente uma mulher como pentecostal, em especial com estilo pentecostal popular, fazer a abordagem com a seguinte questão: *“Reconheci você como pentecostal pela sua aparência. O que você acha disso? Por que você acha importante se vestir assim? O que isso tem de importância em relação à sua fé?”*

A partir destas questões iniciais as mulheres desenvolveram suas argumentações. Todas elas moram e trabalham na região do ABC, principalmente em São Bernardo do Campo, Taboão e Diadema. Todas elas eram da classe pobre e moravam com a família.

O reconhecimento imediato se tornou possível pelo modelo já consagrado: cabelo comprido, penteado em forma de coque ou preso; saia ou vestido comprido, sapatos baixos, manga comprida, nenhum ornamento ou pintura.

4. DESVESTINDO O DISCURSO

Alguns argumentos apresentados pelas mulheres nas entrevistas são bem parecidos e de alguma maneira podem ajudar a perceber a lógica que sustenta as normas estéticas das mulheres pentecostais.

4.1 — O argumento bíblico

Todas as mulheres derivam a normativa estética a partir da Bíblia. Isso aparece de um modo ou de outro em todas as entrevistas, mas com citação ou referência incerta. Muitas fazem questão de dizer logo de início que o pastor não obriga nada, talvez respondendo a questões que já foram feitas.

Os exemplos bíblicos articulados são variados: o bezerro de ouro, o templo de Salomão, e as referências paulinas. É importante ressaltar que não há nenhuma precisão nos relatos

que se desenvolvem com muita liberdade e sem nenhuma preocupação da exatidão ou fidelidade ao texto. Também os dez mandamentos aparecem numa edição resumida e modificada. A Bíblia é utilizada como paradigma de comportamento onde as verdades e critérios estão desde sempre estabelecidas.

A citação livre da Bíblia já vem acompanhada de atualização, no sentido que já se adequa às relações que vão sendo feitas. Não há nenhuma tentativa de historicização dos textos. Mesmo a entrevistada que considera que a roupa de homem do tempo da Bíblia não é a mesma de hoje, despreza esta contradição, homogeneizando o argumento a partir do consenso de roupa de homem e roupa de mulher, hoje.

Alguns relatos bíblicos são destacados a partir de detalhes que tradicionalmente não fazem parte fundamental do enredo central, como é o caso de Jezabel e o batom, da mulher de Abraão e os brincos e colares.

De um modo geral, observa-se que não se tem nenhuma preocupação real de fundamentar as normativas na Bíblia, mas a fundamentação está num senso comum sobre a Bíblia, numa cultura oral que seleciona e interpreta alguns textos adequando-os a algumas necessidades de legitimação.

4.2 A identidade

As mulheres falam de si mesmas usando uma terminologia que já expressa como se entendem em relação à outras mulheres: “santas mulheres”, “servas”, “filha de Deus”, “mulher coberta”, “não mais do mundo”, “crente”, “mulher crente fiel de verdade”, “beleza de espírito”, “as irmãs”.

Estes termos aparecem em contraposição às mulheres não adjetivadas, ou às moças que são criaturas, mas não “filhas” de Deus. Esta distinção parece ser muito importante. Fora algum embaraço no início da entrevista, todas se mostraram felizes ao serem reconhecidas como pentecostais só pela aparência. Distinguidas das outras mulheres, sentiam-se com autoridade para falar de Deus e da fé. Sentiam um certo orgulho que a diferença confere, e sentiam-se confiantes para falar o que pensam.

Quase todas deram-se conta da diferença também comigo que não tinha a mesma identidade; algumas tentaram gentilmente evitar o assunto, mas outras aproveitaram para uma exortação didática.

4.3 O que agrada a Deus

Este argumento aparece com freqüência. As mulheres sempre se mostram desejosas de, com seu comportamento, agra-

dar a Deus, fazer sua vontade. As normas em relação à vestimenta estão acompanhadas de outras normas como: “*Não roubar, não matar, não cobiçar...*”.

Há algumas exigências mínimas por parte de Deus para as suas filhas e, de certo modo, há uma relação de troca: Jesus salva e liberta e, em resposta, as mulheres se vestem assim, vivem assim. A pauta do que agrada a Deus são proibições. Todas as mulheres expressaram estas exigências na forma de proibição. Todas as exigências não têm uma conotação de parâmetros para a vida social, mas se dirigem para a vida moral e pessoal. O que agrada Deus não deve ser feito somente no Templo... mas em todo lugar: “*Porque Deus está vendo em todo lugar*”.

Estas exigências divinas afastam qualquer possibilidade de questionamento e revestem estas normas simples de comportamento em instrumental de identidade e coesão.

4.4 O formato do corpo

Em quase todas as entrevistas, o corpo aparece como algo ameaçador e precisando de controle. As mulheres entrevistadas reconheceram o potencial de sedução e sensualidade do corpo e como a roupa e os adereços da moda destacam e reforçam os formatos e as curvas, os detalhes e os traços. Reconheceram também o valor de sedução que a moda pode exercer, em especial a moda feminina. Algumas chegaram a explicitar o perigo do adultério.

O que foi interessante notar é que as mulheres se assumem como as responsáveis pela sedução, pelo desejo despertado no homem e pelos possíveis adultérios. Vestir-se de modo simples e sem qualquer realce do formato do corpo significa impedir o pecado da cobiça. Este argumento é muito forte para todas elas, por isso a recusa de toda a roupa que mostre o corpo e seu formato.

Por lógica invertida, elas também reconhecem que a mulher coberta também chama a atenção sobre o homem... mas de uma outra maneira. Pela contramão, elas acabam por fazer o mesmo uso da roupa como simbologia do desejo entre os sexos. Enquanto as roupas do mundo “*oferecem*” a mulher na sua beleza material, as roupas que cobrem a mulher indicam a beleza espiritual da mulher, isto é indicam que é um tipo diferente de mulher e que se “*mostra só para o marido*”.

Esta relação com o desejo e a cobiça é muito forte e não *perde seu dinamismo, apesar dos esforços de cobrir o corpo*. Os ideais da mulher coberta continuam sendo: uma casa, um casamento, uma família.

4.5 A auto-estima

Algumas mulheres destacaram o sentimento de libertação e salvação como um sentimento de auto-estima. A lógica seria: quando eu era do mundo usava tudo... mas não era feliz, não ficava bem.

Neste ponto, compartilham com o sentimento de outras mulheres que também se preocupam em serem felizes a partir da aparência. A conversão aparece como o elemento que resolve esta tensão. O conflito de querer se mostrar para os outros dá lugar a um despojamento de todas as vaidades que, de alguma maneira, desmonta os mecanismos de competição e desejo de aceitação da aparência. Então, o sentimento de salvação se expressa numa atitude de auto-aceitação e de resignação.

Com a valorização da beleza espiritual, as exigências de beleza e atração que pesa sobre as mulheres perdem seu efeito, e passa-se a cultivar as belezas espirituais, menos exigentes e dolorosas.

4.6 Proteção e explicação

De uma maneira ou de outra, aparecem referências a problemas sociais: criancinhas sem pai, sem mãe; bebedeiras e crimes; insegurança nas casas; casamentos desfeitos; moças de um lado para o outro.

O reconhecimento destes problemas dá-se como ação do inimigo ou como responsabilidade das pessoas que não agradam a Deus. Esta ordem caótica é fruto do pecado, em especial das mulheres que se oferecem muito. São elas que não se dão ao respeito e como resultado acontecem a infelicidade dos lares, as crianças abandonadas, as moças de um lado para o outro.

Vestir-se de modo recatado é não participar dessa dinâmica de violência e sofrimento, pela qual indiretamente as mulheres parecem sentir-se responsáveis. O pecado são as coisas deste mundo, é fruto do "eu" que não se entrega para Jesus. Na conversão e no seguimento de normas da igreja, a individualidade é dissolvida no grupo como forma de deixar de participar do mundo e conseqüentemente de seus sofrimentos.

Vestir-se de modo igual e regular expressa esta submissão do "eu", este deslocamento da vontade individual para o cumprimento fiel de normas homogeneizadoras.

4.7 O lugar da mulher

As referências feitas são aos filhos, ao marido, à casa e ao casamento, a família e a igreja. Não aparecem outros espaços

(trabalho, diversão, passeio, etc) nem outros papéis (trabalho, amizade, etc). Só uma mulher cita seu local de trabalho, mas como um lugar hostil e com amizades hostis.

Também não existem referências a papéis possivelmente desempenhados pelas mulheres nas igrejas. O que aparece como ideal para a vida da mulher é *“uma casa, um casamento, uma família”*.

4.8 A linguagem

Pode-se perceber uma linguagem muito parecida em todas as entrevistas, embora umas se sintam mais à vontade que outras. De um modo geral, todas se utilizam de frases de efeito comuns nos discursos pentecostais. As expressões que se usam para Deus, o modo de encaixar os versículos bíblicos, o tom evangelizador tornam as falas muito parecidas e por isso mesmo podem permitir um trabalho de aproximação como este.

5. CONCLUSÕES

Impressiona-me o potencial de recusa e resistência gerador de uma antimoda pelos grupos pentecostais. Sinto a necessidade de usar o termo “popular” em especial para tratar deste assunto porque as observações me fizeram notar que, nas comunidades de classe média, mesmo mantidos alguns dos elementos, o resultado estético final é diferente.

A mulher pentecostal popular pode ser reconhecida imediatamente. Seu estilo recatado, longe de tornar despercebida sua presença, torna-a tão evidente que o reconhecimento já se faz em nível do senso comum.

Conversando com elas e analisando seus argumentos, algumas conclusões poderiam ser apontadas:

- 1 — a negação do moderno e a ligação com um tempo mítico e absoluto, o que se expressa como nenhum apego às coisas do mundo e uma visão da Bíblia como paradigma fundador dos comportamentos;
- 2 — sem participação nas oportunidades do moderno, ao contrário, banidas da dinâmica de afirmação individual, as mulheres pentecostais se uniformizam e constroem uma aparência coletiva;
- 3 — conscientes da tensão e motivação dos jogos de atração e sedução entre os sexos, as mulheres pentecos-

- tais se afirmam no seu papel de mãe e se cobrem, evitando assim os possíveis olhares e os desejos possíveis;
- 4 — de certo modo assumem toda culpa pela cobiça, pela destruição dos lares, pelos adultérios, reconhecendo que o pecado é de responsabilidade da mulher. Assim, a roupa funciona como cobrir a possibilidade de pecado. O pecado está no corpo da mulher;
 - 5 — é no corpo da mulher que acontece esta luta contra o moderno. Negando as possibilidades de afirmação dos indivíduos — pedra de toque da modernidade e do capitalismo — os pentecostais criam uma anti-moderna que mantém sua referência ao passado e que cria uma aparência coletiva. Negando a sociedade de consumo, em especial no que diz respeito à veiculação da mulher como alvo estratégico para criação de necessidades, os pentecostais negam a ordem atual;
 - 6 — as estruturas de dominação das mulheres ficam evidentes. Mesmo dizendo insistentemente que não é o pastor que proíbe nada, a fragilidade dos argumentos bíblicos e a identificação da palavra do pastor com a vontade de Deus sugere um esquema de controle eficiente e simulado dos homens sobre as mulheres;
 - 7 — também a partir desta análise pela via dos comportamentos, este caráter contraditório e múltiplo do pentecostalismo popular salta aos olhos: é ao mesmo tempo submissão e resistência. A questão final é se este potencial de recusa só sobrevive com este aparato de controle dos comportamentos ou se pela contramão da história os pentecostais podem vir a ser também espaço de transformação social.

Nancy Cardoso Pereira
Mestrado em Bíblia — IEPGCR, São Paulo
Professora ITESP

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Ruth, *A aventura antropológica*. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

CHAUÍ, Marilena, *Cultura e Democracia: notas sobre cultura popular*. São Paulo, Cortez, 1989.

HOUTART, François, *Religião e modos de produção pré-capitalista*. São Paulo, Paulinas, 1982.

LAHAYE, Beverly, *A mulher controlada pelo Espírito*. Venda Nova, Betânia, 1981.

LETES, Edmund, *A consciência puritana e a sexualidade moderna*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles, *O império do efêmero — a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

NOVAES, Regina Reyes, *Os escolhidos de Deus — pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Em *CADERNOS DO ISER*, n. 29. Rio de Janeiro, ISER-Marco Zero, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo, *Pentecostais no Brasil — uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1985.